

## **FLORESTA ATLÂNTICA: DA CARACTERIZAÇÃO BIÓTICA E CULTURAL AO PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES ECOTURÍSTICAS**

**Paulo Tajés Lindner**<sup>1</sup>

**João Carlos Ferreira de Melo Júnior**<sup>2</sup>

**Resumo** O Município de Joinville apresenta a Floresta Atlântica como o bioma que recobre grande parte de seu território. Possui a maior biodiversidade entre os ecossistemas tropicais e considerável importância para a qualidade de vida da região. O presente trabalho objetiva conhecer os patrimônios biótico e histórico-cultural de um trecho de Floresta Atlântica, caracterizado como Reserva Particular do Patrimônio Natural (R.P.P.N.) Caetezal, o qual está localizado na serra Dona Francisca, Município de Joinville. Esta discussão possibilita a visualização do desenvolvimento de atividades ligadas ao ecoturismo, educação ambiental e à pesquisa científica, como uma forma de incentivar a reflexão sobre a relação homem x Floresta Atlântica e sua importância para garantir a qualidade de vida na região. Os dados foram obtidos a partir de levantamento de flora e fauna na área de estudo e por meio de entrevistas com a comunidade que vive em seu entorno, a partir da metodologia da história oral. A interpretação dos resultados indicou a presença de várias espécies vegetais e animais na área, corroborando a literatura disponível. A visão de que esta área tem uma importância vital para a qualidade de vida da cidade de Joinville e seu entorno, foi destacada pelas pessoas entrevistadas, assim como a percepção de que estão ocorrendo mudanças significativas no meio ambiente da região, principalmente, a partir da década de 60 do século XX devido à ação do homem. Neste sentido, a implantação de práticas ecoturísticas planejadas, a educação ambiental e a pesquisa científica com a efetiva participação das comunidades do entorno poderão se tornar uma forte alternativa para o desenvolvimento com sustentabilidade.

**Palavras-chave:** Floresta Atlântica, turismo, ecoturismo, desenvolvimento sustentável

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo com Ênfase em Meio Ambiente pelo Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus - IELUSC

<sup>2</sup> Biólogo, Mestre em Ciências Biológicas pela UFPR, Professor do Curso de Turismo com Ênfase em Meio Ambiente pelo Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus - IELUSC

No ano de 1.500 quando os primeiros portugueses chegaram ao Brasil, a Floresta Atlântica cobria cerca de 15% do território brasileiro, com uma área de 1.306.421km<sup>2</sup>. Após pouco mais de 500 anos esta rica floresta ficou reduzida a 7,84%, ou seja, 102.000km<sup>2</sup> da sua cobertura florestal original, porém, apesar do seu quase aniquilamento, continua até os dias atuais, tendo uma vital importância para a manutenção da qualidade de vida de 70% da população brasileira que vive nos seus domínios (SCHÄFFER & PROCHNOW, 2002).

Comparada com a Floresta Amazônica, a Floresta Atlântica apresenta proporcionalmente a maior diversidade biológica, mesmo sendo quatro vezes menor do que a área original da primeira. Estima-se que a floresta abrigue mais de 20.000 espécies de plantas das quais 50% são endêmicas. Com relação às espécies animais esta floresta abriga 1,6 milhão de espécies, incluindo insetos, mamíferos (261 espécies, sendo 73 endêmicas), pássaros (620 espécies, sendo 160 endêmicas) e anfíbios (260 espécies, sendo 128 endêmicas) além de outros grupos importantes (*op. cit.*).

Apesar do alto grau de antropização do ambiente, no que tange aos processos ocupacionais, essa porção representativa de um dos biomas mais ameaçados do planeta, reveste-se de fundamental importância para a manutenção da qualidade de vida da cidade de Joinville e região. Neste sentido, o desenvolvimento sustentável com significativa melhoria da qualidade de vida na região pode ser impulsionado pela articulação de atividades turísticas planejadas, gerando alternativas para fixar as populações tradicionais em suas áreas de ocorrência histórica.

O presente trabalho objetiva conhecer os patrimônios biótico e histórico-cultural de um trecho de Floresta Atlântica, caracterizado como Reserva Particular do Patrimônio Natural (R.P.P.N.) Caetezal, localizada na serra Dona Francisca, Município de Joinville. Esta discussão possibilita a visualização do desenvolvimento de atividades ligadas ao ecoturismo, educação ambiental e à pesquisa científica, como uma forma de incentivar a reflexão sobre a relação homem e Floresta Atlântica e sua importância para garantir a qualidade de vida na região.

---

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

A Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Caetezal, está localizada na Serra Dona Francisca, município de Joinville, região Nordeste do estado de Santa Catarina. A RPPN Caetezal foi a primeira área particular protegida do País, tendo sido reconhecida como Refúgio Particular de Animais Nativos, através da Portaria 56/79-P de 09.02.1979, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF). Possui uma área aproximada de 7.000ha.

A área apresenta a Floresta Ombrófila Densa Montana como formação vegetal dominante, encobrendo encostas e platôs situados a mais de 800m s.n.m.. Segundo CCJ (2003), o clima da região pode ser classificado como mesotérmico úmido sem estação seca definida (Cfa). A precipitação pluviométrica anual média gira em torno de 2.418,0mm, sendo 1.676,4 mm a média mínima e 3.299,0mm a máxima.

A RPPN se insere como uma unidade de conservação de uso sustentável. O objetivo básico dessa modalidade de unidade de conservação é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais (IBAMA, 2002). A RPPN é uma área privada, gravada em caráter de perpetuidade, objetivando a conservação da diversidade biológica. Em conformidade com o regulamento do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), poderão ser desenvolvidas atividades, em RPPN, de visitação com objetivos turísticos, recreacionais e educacionais, e a pesquisa científica, sendo estas gerenciadas a partir de um plano de manejo, a ser elaborado num prazo máximo de cinco anos a partir da data da sua criação.

### **CARACTERIZAÇÃO BIÓTICA**

O levantamento florístico foi realizado em uma área de 2ha. buscando-se espécies férteis no período de coleta. As amostras foram obtidas de espécies lenhosas arbóreas e arbustivas sendo dada especial atenção para as estruturas reprodutivas. O material foi herborizado conforme FIDALGO & BONONI (1989). A identificação dos materiais foi realizada a partir de bibliografia especializada (RIZINI, 1971; REITZ, 1974; VIDAL & VIDAL, 1985; REITZ et al., 1988; LORENZI, 1992, 1996; AGAREZ, 1994; JOLY, 1998; MARCHIORI, 1997 e 2000) e por comparação em herbários, quando necessário.

Em paralelo foram verificados indícios relativos à ocorrência de espécies da fauna da região, através de registros fotográficos e pesquisas orais com moradores da região. Os dados obtidos foram compilados, organizados e comparados com a bibliografia existente, seja ela referente a animais ameaçados de extinção e/ou de espécies endêmicas (CIMARDI, 1996).

### **INDICADORES CULTURAIS**

Foram realizadas entrevistas estruturadas com moradores da região, obtendo-se depoimentos de suas vidas que vislumbrassem as relações construídas com a floresta. A delimitação da idade dos entrevistados (mínimo de 60 anos) foi pautada no fato da maioria destas pessoas terem nascido na região, e por conseguinte, terem acompanhado todo o processo de desenvolvimento da área, assumindo um papel de sujeito na construção histórica do local. As entrevistas foram registradas por meio de gravação sonora, seguindo-se a metodologia de história oral, tendo sido coletados depoimentos de vida. (THOMPSON, 1992).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **CARACTERIZAÇÃO BIÓTICA**

A partir do levantamento florístico efetuado, foi registrada a ocorrência de diversas espécies vegetais distribuídas em diferentes famílias botânicas, dentre as quais destacam-se: Anonaceae, Apocynaceae, Clusiaceae, Elaeocarpaceae, Euphorbiaceae, Lauraceae, Leguminosae, Melastomataceae, Moraceae, Myrtaceae, Meliaceae, Palmae e Piperaceae. Todas as espécies encontradas corroboram com os levantamentos apresentados por MARCHIORI (1997a; 1997b; 2000a; 2000b). A ocorrência de epífitos, com destaque para as bromélias, orquídeas, aráceas, gesneriáceas, piperáceas, samambaias e fungos é constante na área de estudos.

Da mesma forma, a fauna apresentou-se ricamente diversificada, tendo sido possível observar, com destaque, a presença de primatas (bugio e macaco-prego), marsupiais (gambá e cuíca d'água), carnívoros (cachorro-do-mato, cachorro-do-mato-vinagre e lobo-guará), procionídeos (mão-pelada, quatis e lontras), felídeos (onça-pintada, onça-parda e jaguatirica),

desdentados (tatu-peba, tatu-de-rabo-mole e tatu-etê), além de outros mamíferos e representantes da avifauna e herpetofauna.

### **A VIDA NA SERRA DONA FRANCISCA - PERCEPÇÕES**

Tomando por base a História de Joinville (FICKER, 1965) é fácil imaginar como foi o choque para o imigrante europeu no momento em que, após aproximadamente dois meses de viagem para cruzar o Oceano Atlântico, deparou-se com uma terra totalmente diferente de tudo o que ele possa ter imaginado uma vez que, o clima europeu é muito diferente do clima de um país tropical como o Brasil. Neste sentido, cercados pela Floresta Atlântica, estes imigrantes tiveram que iniciar uma nova vida e, ao mesmo tempo, apreender a conhecê-la, buscando praticamente todos os recursos desta floresta.

A prática de agricultura e, principalmente, o extrativismo, eram as principais fontes de renda. Segundo o Sr. Lenschow, de descendência alemã, aqueles tempos eram difíceis *assim foi bom sabe. Era muita pobreza e..., mas o pai das crianças e todo mundo cantava muito. Tava tudo alegre, pois tinha gente muito pobre e no dia da confirmação não podiam comprar sapatos, terno. Daí os que tinham mais emprestavam para essa gente. Mas os pais das crianças não estavam tristes; cantavam e estavam sempre alegres.*

Atualmente, as comunidades residentes na região da Serra Dona Francisca, na maioria dos casos, ainda são constituídos por descendentes dos primeiros imigrantes, portanto, carregando na sua cultura toda uma relação de co-existência com a floresta. As relações baseiam-se na busca de uma série de recursos florestais para a sua subsistência e realização de suas atividades cotidianas, interagindo desta forma com o meio ambiente local numa condição de interdependência.

Independente de posição social todos os entrevistados relataram as transformações sofridas pelo ambiente até os dias atuais, destacando que a região tem uma grande importância para a manutenção da qualidade de vida da população de Joinville e deve ser preservada: *ela não pode nem ser mexida, porque essa mata que ainda resta, a gente vê aqui nessa serra tudo verde, tudo bonito. Isso eu acho que isso é difícil de encontrar em outras regiões porque a gente já viajou pra alguns locais, mas igual à nossa serra verde, realmente. Aqui é um corredor, isso vem desde o Paraná, de... de...aqui debaixo tudo* (Lütke, 2003).

## EM BUSCA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL E DA PRESERVAÇÃO DA FLORESTA

Atualmente, o ser humano está diante de um novo paradigma: ou muda radicalmente a forma como tem se relacionado com o meio ambiente e transforma o atual modelo de desenvolvimento ou, caso contrário, estará fadado a legar um mundo cada vez mais hostil para as gerações futuras. Para que se tenha sucesso para mudar o atual estado das coisas, encontrando uma saída para a crise ambiental, é preciso começar um “*processo de desconstrução e reconstrução do pensamento*”, que nos levará a encontrar a saída numa mudança de atitude, quebrando este atual modelo desenvolvimentista da economia hegemônica, para um modelo sustentável, mais humanizador LEFF (1999 *apud* LEITE & MEDINA, 2001). Esta revolução implicará em uma alternância de valores, construída sob uma nova ética. Necessariamente será preciso abandonar a conceituação histórica de separação do homem e o meio ambiente, buscando a compreensão das relações interdependentes que, desde o início, sempre se processaram (ANDRADE *apud* LEITE & MEDINA, 2001).

Nesse sentido, o ecoturismo se reveste de grande importância, uma vez que, através deste fenômeno social, pode-se estar ajudando as pessoas a mudarem a sua relação com os ecossistemas da Floresta Atlântica e, em caso positivo, dar um salto, no que se refere à qualidade de vida.

As práticas ecoturísticas em unidades de conservação vem a ser mais um elemento agregador para estas iniciativas, uma vez que, toda a sua construção é baseada no desenvolvimento sustentável. Conseqüentemente, o levantamento do potencial turístico local, a definição de parcerias, o diagnóstico físico-biótico e socioambiental, o zoneamento ecológico-econômico, a seleção da área para a implantação de práticas ecoturísticas, os estudos de demanda e de limite aceitável de câmbio, os locais onde serão implantadas as trilhas, a infra-estrutura, enfim, tudo é pensado no sentido de que se proporcione o menor impacto possível nas áreas onde serão implantadas estas atividades.

O meio ambiente pensado como propulsor da qualidade de vida corresponde à infra-estrutura física e sócio-cultural capaz de influenciar as condições gerais da vida das populações em termos de moradia, ocupação, lazer e auto-realização existencial (GODARD & SACHS, 1975; CIRED, 1986; SACHS, 1980 e SACHS *et al.*, 1981 *apud* VIEIRA e WEBER, 1997).

Neste sentido devem ser orientadas ações com relação ao planejamento e implantação de práticas ecoturísticas em áreas florestais, evitando que as comunidades do entorno fiquem

a margem de todo o processo e acabem por sofrer toda a sorte de impactos negativos sejam eles culturais e/ou ambientais. Deve-se pensar conjuntamente na reconstrução do patrimônio histórico e cultural de uma região riquíssima em história, fatos e “causos” e todos os seus recursos naturais como uma forma sustentável de garantia de qualidade de vida para toda a comunidade em questão, bem como, para as futuras gerações.

O desenvolvimento de atividades turísticas visando a sustentabilidade exige uma nova forma de interagir com as comunidades e o meio ambiente. A incorporação de princípios e valores éticos, uma nova forma de pensar as oportunidades de democratização de oportunidades e benefícios, juntamente com um novo modelo participativo de implementação de projetos, centrado em parcerias, co-responsabilidade e participação (IRVING, 2002).

Segundo OLLAGNON (1997) um novo tipo de modelo de gestão da natureza conclama a participação da comunidade local como parceiros diretos para a criação de novas formas de gestão. As sociedades industrializadas e urbanizadas interessadas em se adaptar a este novo padrão terão necessidade de gestores tradicionais. Porém, estes somente poderão agir em sintonia com o resto da sociedade. Em diferentes graus, todos os atores da sociedade deverão se constituir em “gestores da qualidade da natureza”, na medida em que todos eles, de forma direta ou indireta, influenciam a qualidade desta. Práticas de gestão diretamente voltadas para a satisfação das necessidades sócio-culturais das comunidades do entorno que, pela sua história de relação com a floresta, são capazes de preservar a biodiversidade do ecossistema (LESCURE, PITON & EMPERAIRE, 1997).

Esta iniciativa não pode ser reduzida a uma fórmula, pois ela representa um processo de construção centrado na realidade e, desta forma, jamais poderá estar dissociada de uma abordagem econômica, política e ética. A definição desta proposta demanda, além de uma nova postura institucional das entidades governamentais, a realização de um trabalho complexo, baseado na parceria, em que a educação ambiental possa viabilizar o resgate da identidade das comunidades locais, possibilitando a sensibilização dos turistas para o valor patrimonial do bem natural.

Partindo destes princípios, o grande desafio é o de possibilitar o desenvolvimento de práticas ecoturísticas aliadas a preservação do patrimônio natural e cultural, a geração de emprego e renda, a adoção de critérios estético-paisagísticos para o manejo e ordenamento territorial, e a redução dos impactos ambientais e socioculturais, com a promoção do bem-estar das comunidades da região, com efetivo ganho na qualidade de vida para as comunidades do entorno, Joinville e região.

## CONSIDERAÇÕES

A visão de que esta área tem uma importância vital para a qualidade de vida da cidade de Joinville e seu entorno, foi destacada pelas pessoas entrevistadas, assim como a percepção de que estão ocorrendo mudanças significativas no meio ambiente da região, principalmente, a partir da década de 60 do século XX devido à ação do homem.

Neste sentido, a implantação de práticas ecoturísticas planejadas, a educação ambiental e a pesquisa científica com a efetiva participação das comunidades do entorno poderão se tornar uma forte alternativa para o desenvolvimento com sustentabilidade.

IRVING (2002) relata duas experiências cuja participação comunitária tem sido relevante para o sucesso econômico, ambiental e social, uma realizada na Prainha do Canto Verde/Ceará e a outra em Santa Maria Madalena/RJ num dos maiores remanescentes de Floresta Atlântica deste estado. Este último exemplo tipifica uma possível iniciativa de gestão compartilhada envolvendo a comunidade e os poderes municipais e estaduais, além da parceira com universidades e com a iniciativa privada. Esta forma de gestão envolve a participação de todos os atores envolvidos através da adoção de práticas ecologicamente compatíveis, das relações justas de trabalho e da gestão administrativa que viabilize parcerias e decisões democráticas.

A participação das comunidades do entorno, com o resgate do patrimônio histórico-cultural através da história oral, possibilitarão a retroalimentação contínua da sua identidade e, principalmente, da sua efetiva participação em todo o processo, resultando em pessoas motivadas e compromissadas com a conservação ambiental.

O ecoturismo funcionará como o elo de ligação entre as populações dos centros urbanos e a floresta, agindo como um fator de divulgação da região e agregando conhecimentos e uma nova percepção sobre a importância da Floresta Atlântica para a qualidade de vida. A partir de um processo multiplicador cada pessoa passará a atuar de maneira cada vez mais integrada com o meio ambiente que o integra.

A possibilidade de transformar a região da RPPN Caetezal através de práticas ecoturísticas sustentáveis resgatando o patrimônio histórico/cultural, possibilita uma relação

mais direta, em que a vivência representa uma relação de troca, de aprendizado e de respeito pela floresta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CIMARDI, Ana V.. 1996. **Mamíferos de Santa Catarina**. FATMA, Florianópolis, SC.
- CCJ – Rio Cubatão Joinville – Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Cubatão Norte,. 2003. <http://www.cubataojoinville.org.Br/novapagina/caracterização/fisicos/geologia/geologi...>
- FICKER, Carlos. 1965. **História de Joinville – Crônica da Colônia Dona Francisca**. Joinville, SC: Impressora Ipiranga.
- FIDALGO, O. & BONONI, V. L.. 1989. **Técnica de coleta, preservação e herborização de material botânico**. São Paulo: Inst. De Botânica.
- IBAMA / SNUC - **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza**, Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; Decreto nº 4.940, de 22 de agosto de 2002.
- IRVING, M. de A. & AZEVEDO J., 2002. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo, SP: Futura.
- LEITE, Ana L.T. de A. & MEDINA, Nana M.. 2001a. **Educação Ambiental curso básico a distância: documentos e legislação**. Brasília:MMA.
- LEITE, Ana L.T. de A. & MEDINA, Nana M..2001b. **Educação ambiental curso básico a distância: questões ambientais, conceitos, história, problemas e alternativas**. Brasília: MMA.
- LENSCHOW, Heiss. **Entrevista concedida a Paulo Tajés Lindner**. Joinville. 23.05.2003.
- LEISCURE, J. P.; PINTON F.; EMPERAIRÉ, L.. Povos e produtos da Floresta na Amazônia Central: o enfoque multidisciplinar do extrativismo. *In* Vieira, P. F. & WEBER, J.. Organizadores. **Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental**. São Paulo: Cortez Editora. 1997.
- LÜTKE, Norberto. **Entrevista concedida a Paulo Tajés Lindner**. Joinville. 09.05.2003.
- OLLAGNON, H.. 1997. Estratégia patrimonial para a gestão dos recursos e dos meios naturais: enfoque integrado da gestão do meio rural. *In*: VIEIRA, Paulo F. e WEBER, Jacques. Organizadores; **Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental**. São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- RIZZINI, Carlos T.. 1971. **Árvores e madeiras úteis do Brasil: manual de dendrologia brasileira**. 2 ed. São Paulo: Edgard Blücher.
- SCHÄFFER, Wigold B.; PROCHNOW, M. 2002. **A mata atlântica e você: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira**. Brasília: APREMAVI.
- THOMPSON, P.. 1992. **A voz do passado: história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- VIEIRA, Paulo F. e WEBER, J.(org). 1997. **Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental**. São Paulo: Cortez Editora.
- VIDAL, Waldomiro N. & VIDAL, Maria Rosária R.. 1995. **Botânica organografia**. 3 ed. Viçosa MG: UFV.

